

O TIRO CIVIL

Orgão dos Atiradores Civis e Caçadores Portuguezes

PROPRIETARIOS:—ANSELMO DE SOUZA e PALERMO DE FARIA

Publicações	
Anuncios, cada linha, typo commum.	20 réis
Comunicados.	60 »
Reclamos	100 »
Artigos.	200 »

Quinta feira 3 de dezembro de 1896

Assignaturas	
Lisboa, série de 12 numeros	300 réis
Provincias, séries de 24 numeros	600 »
Numero avulso	50 »
Faixas da união postal, 24 numeros.	1.000 »

RESUMO

1.º de Dezembro, por PALERMO DE FARIA.—O preço dos cartuchos.—Sessão solenne.—Dois pontos. . . por B. de SA.—A camara de Bragança e o tiro civil, por Albino Lopo.—O direito de caçar, por MARTELLEIRO.—A perdiz, por H. OLAVRAC.—Carreira do tiro.—As codornizes e o defeso, por J. RIBEIRO.—Um pedido.—Simple e commodo.—Associação dos Atiradores Civis Portuguezes.

1.º DE DEZEMBRO

SÃO passados 256 annos depois do dia memoravel em que, um punhado de valentes e sinceros portuguezes, levantaram o grito da independencia e saccudiram o jugo que durante 60 annos os havia conservado no mais doloroso captivo. O grito de liberdade, que esses heroes soltavam, convictos da santidade da causa porque iam sacrificar-se, echoou de Melgaço ao Cabo de Santa Maria, e o leão de Castella retirava a garra que nos despedaçára e perdia em successivas batalhas o prestigio e o dominio, que as fracas mãos d'um cardeal lhe tinham permittido firmar e a fraqueza e deslealdade de muitos fidalgos portuguezes haviam ajudado a conseguir.

E, no entanto, foi tão sangrenta a ferida, tão grande a ignominia, tão triste e tão pungente a vergonha, que, atravez dos seculos, se tem conservado a memoria d'esse lugubre passado e no peito de todos nós, que somos portuguezes, se sente a convicção de que poderemos ser aliados, de que poderemos ser amigos, mas nunca poderemos ser vassallos.

N'estes tempos de descrença e de indiferença, n'esta epoca em que os interesses mais sagrados, os interesses da patria, se consideram com um desamor que assusta e faz pensar no futuro, obscurecido pelas mais tempestuosas nuvens, alegra-nos esta festa do 1.º de dezembro, que é para nós como que um echo longiquo d'esse entusiasmo delirante que nos restituiu a liberdade e a independencia, e uns restos d'essa luz intensa e viva que nos levava aos confins do mundo e nos cobria de gloria imorredoura.

Alegra-nos este anniversario. E' como que um protesto aos que supõem precisarmos do estrangeiro para administrar o que é nosso, e admittem a hypothese e chegam a

acreditar na probabilidade de que extranhos seriam capazes de cuidar melhor da fazenda publica e dos bens patrios. Espiritos acanhados e doentios os que assim admittem uma vergonha mais, como se não bastassem para todos nós as que já nos tem ruborizado as faces e feito curvar as fronte!

Atiradores civis portuguezes! Está nas vossas mãos a autonomia da patria, a liberdade, a independencia do lar e da familia; exercitae-vos, aprendei nas carreiras de tiro a manobrar a espingarda, nas salas d'armas a manejar a espada, e quando todos, os que podem e devem, souberem aproveitar o braço exercitado, collocae-vos ao lado do exercito e dizei aos extranhos que, para áquem das fronteiras, só governam portuguezes.

PALERMO DE FARIA.

O PREÇO DOS CARTUCHOS

COMO dissemos á ultima hora em o nosso numero anterior, o sr. Ministro da guerra, por despacho de 26 de novembro proximo passado, resolveu que os cartuchos para a arma de guerra K^m/1886 continuassem a ser fornecidos aos atiradores que frequentam as carreiras de tiro pelo preço de 25 réis cada cartucho, quer estes fossem de polvora negra, quer fossem de polvora sem fumo.

Esta resolução do sr. conselheiro Moraes Sarmento, que mostra bem a alta conta e a consideração que merece a sua ex.^a o tiro nacional, confirmou, como já dissemos, a nossa supposição de que o distincto official que tão brilhantes provas tem sempre dado da sua grande competencia, não podia proceder d'outro modo tratando-se d'um assumpto tão nobre e tão patriótico como é a instituição do tiro nacional.

E estimamos bem que assim fosse resolvido, pois ficaram por completo destruidos os boatos de que se pretendia difficultar a frequencia nas carreiras ao elemento civil e que o augmento do preço dos cartuchos era o primeiro passo dado para o fim que se tinha em vista: fechar as carreiras aos atiradores civis.

Estes boatos, embora fundamentalmente absurdos, tinham tomado corpo e a muitos ouvimos espalhar-os com a convicção de que não estavam illudidos nas suas supposições.

O despacho do sr. Ministro da guerra destruiu totalmente as manobras dos novelleiros e prestou ao tiro nacional um

serviço assignalado que registramos com prazer e pelo qual felicitamos o paiz inteiro.

A idéa do tiro nacional vac-se generalizando a pouco e pouco e oxalá não esteja longe o dia em que todos se convençam e se compenbrem bem de que é uma necessidade inadiavel e o fundamento mais solido e mais seguro da nossa independencia.

SESSÃO SOLEMNE

REALISA-SE definitivamente no domingo 6 do corrente a sessão solenne, em que serão distribuidos as medalhas e diplomas de frequencia e applicação aos socios que mais se distinguiram durante o anno decorrido.

A Direcção foi convidar o sr. ministro da guerra para assistir a esta festa e sua ex.^a prometteu fazel-o.

Serão convidadas as auctoridades civis e militares, a imprensa, os officiaes da carreira de tiro da guarnição de Lisboa, as associações e grupos de atiradores, etc.

A sessão será ás 8 horas e meia da noite e os bilhetes de convite devem ser enviados amanhã sexta feira.

Os socios deverão apresentar á entrada os seus diplomas.

DOIS PONTOS...

PELA calada de *tempestuosa* noite, á luz amortecida de candelabro de remotos tempos, é que me parece que o sr. dr. Jayme Ribeiro, d'oculos embaciados pela *fumarada do fumico* candieiro, leu escutando attentamente aquellas «funebres badaladas de lendario sino em erma torre espectral», os meus pobres artigos. «Ponto final» e «Pequeno adjutorio para um projecto de lei sobre caça»; aliáz os seus ouvidos, agora de *torneira aberta* e calçados de fresco pelo ferreiro, não lhe desviariam a attenção do que precisava de ler attentamente para poder riscar por cima, se a razão lhe dêsse esse direito.

Então, como dizia o «côro imponente» do «dizimado bando» «que levantou vôo» «á voz de *marche* do seu general *macharrão*?» Era assim, pois não era?

«Ingrata gente, não saborearás mais nossa carne.»

E os «echos!» Que graça que deviam ter os echos «repetindo longe, cada vez mais longe» «n'uma toada plangente» «— não saborearás mais nossa carne... — nossa carne.—»

Que rico!

É as «indigenas» (com pontos d'interrogação e admiração), essas, é que deviam ter immensa graça a «cortarem a casaca do seu defensor,» a «cortarem-me na casaca, a mim, e a repetirem a minha «lugubre phrase *Ponto final!*»

Pelos modos, deviam dizer assim, pois

não deviam?—Ponto final... ponto fi... nal... pon... to... fi... nal!...

Que bom, palavra d'honra!

Bem se vê que casos d'estes, tão lindos, tão *ricos*, só podem succeder agora, *n'este seculo d'homens sem creanças vivas, sem fé inquebrantavel, sem ideal purissimo*, n'este tempo d'homens feitos de manteiga, sem coragem, sem brio, que não são capazes de arriscar a vida em defeza da causa das codornizes, como os heroes dos «bons tempos que lá vão», «que tinham pela sua patria verdadeiro e acrisolado amor» e que, por ella, «morririam entre os horrores das fogueiras, pregados na cruz, triturados, dilacerados atrocemente, e continham nas pontes, nas fortalezas, ás portas das cidades, os inimigos da sua patria até os golpes dos contrarios os fazerem dar o ultimo beijo no seu solo querido; de grandes heroes passavam a grandes martyres; mas até ao ultimo alento saudavam o seu ideal; o seu *ponto final* era a morte.»

Que tirada! Que soberba tirada e que coherentes comparações!

Eu morro a rir, indubitavelmente!

Ah! realejo da minh'alma! Como serias de mim querido, de mim indolatrado, se das tuas mechanicas entranhas, já estafadas, podesse golfejar tão naviosa musica, tão commoventes e elevadas composições!

Eu bem te dou á manivella, realejo da minh'alma, mas tu, ingrato, já te não importas com as minhas mexedelas!

Como hei-de, assim *arranjar celebridade*, se as tuas notas são desafinadas, se as tuas arias outr'ora enternecedoras, que falavam ao coração, espavoram hoje os drs. Jaymes Ribeiros!

Que pena! E então que me não serves agora para nada; nem sequer para *passar o tempo!*

Pobre *maestro* do norte! Pobre batuta do *maestro!* Pobre de mim, que lá se me *quebrou*, para maior desgraça, a corda ao meu querido realejo!

O' realejo «infeliz, triste instrumento, echo dos meus gemidos» e tuba da minha celebridade, «apura os sons tocantes» com que deliciavas a phalange *d'espiritos doentios*, os reprobos, e volta com a tua «musica má e monotona», *com que elles se deleitavam*, a levar-lhes o goso delongado, permanente, de tão superior prazer!

E a respeito de calcaduras ou *calcadelas* de preceitos, com sapatos em *brochura*, adiante...

Com que então quer cavaqueira, não é assim? Pois tel-a-ha. Mas diga-me, sr. Doutor, quer cavaqueira séria, ou quer chalaça de mascarado *espirituoso* em baile de *pastorinhas*, a 200 réis a entrada? Escolha, para eu poder continuar, se tiver tempo.

E, se quizer, a serio, poderá principiar por me dizer onde é que eu, no meu «Pequeno adjutorio para um projecto de lei sobre caça», chamo animaes damninhos ás codornizes, *permitindo que se lhes dê «caça e morte vil em qualquer tempo.»*

O meu projecto—chamemos-lhe assim—não foi feito *sobre o joelho*; mas foi feito aos bocados, em bocadinhos de papel, umas vezes sobre a palma da mão esquerda, onde quer que alguma coisa me lembrasse, outras vezes sobre a minha secretaria ou onde adergasse de calhar; e depois, por uma noite silenciosa, em que se não faziam ouvir «funebres badaladas de lendario sino em erma torre spectral

anunciando pela calada de tempestuosa noite a morte de mysteriosa castella,» foi que eu sósinho, fechado no meu quarto, para que não ouvisse, sequer, soar ao longe o ruido do mar ou, perto, na rua, languidas *trovas d'estroso trocador*,—recopilando, cosinhei, para este semanario, o pratinho de meio «de se lhe tirar o chapéo e a cabelleira,» que, com o meu «Ponto final,» embuziaram o sr. dr. Jayme Ribeiro, que lhe estragaram o estomago e o paladar, para nunca mais—quem sabe?—poder saborear, e preparar magistralmente, aquellas appetitosas caldeiradas, *com tinta*, que o immortalisaram na arte culinaria e, algumas vezes, me consolaram, e a outros caçadores, tão excellentemente.

Tudo previ ao anunciar o meu projecto: disse-o mesmo por essa occasião—não me espanta, pois, o juizo critico, sobre elle, do sr. dr. Jayme Ribeiro, nem me espantarão outros quizesquer que me appareçam.

Póde ácerca d'elle dizer mais alguma coisa, que me não molesta; antes pelo contrario, desejava tambem vél-o *aperfeiçoado, depurado* pela discussão que é, effectivamente, um cadinho d'oiro purificador.

E se o sr. Doutor apresentasse tambem o seu projecto?

Diz o dictado que «ás tres a coisa vae de vez.» O do sr. Doutor seria o terceiro, a critica seria justiceira e a victoria tel-ahia certa forçosamente.

Vá: demo-nos uma tocarola, se não ficou mais embosnado, e tratemos das coisas como deve ser.

Porto, novembro 25 de 96.

B. DE SÁ

A CAMARA DE BRAGANÇA E O TIRO CIVIL

Como se vê do seguinte artigo, transcripto do nosso collega *Norte Transmontano*, a Camara Municipal de Bragança, correspondeu bizarramente, as esperanças que n'ella tinham os que d'alma e coração se interessam pela generalisação do tiro Nacional.

Bragança é a terceira cidade que se honra, tendo no seu orçamento municipal, inscripta uma verba para tão patriotico fim.

O nosso applauso á distincta camara brigantina que tão bem comprehende os seus deveres civicos:

«No ultimo numero d'este jornal advogámos a idéa da camara destinar, á si niçanca de outras do paiz, uma verba ainda que modesta, para compra de premios para os concursos ao tiro civil; concorrendo d'este modo para estimular os seus municipes a tomar parte nos exercicios de tiro. E já hoje estamos constituídos na obrigação de registar com merecido applauso a noticia de que o illustre senado brigantino se dignou na ultima sessão tomar em consideração as razões que expozemos, resolvendo concorrer para um fim tão util.

Não passará de fórma alguma despercebido um tal procedimento que tanto o illustra e enobrece, e póde desde já ter a certeza que lhe vae attrahir as sympathias de todos os que verdadeiramente se interessam e trabalham por generalisar a instrucção de tiro, de modo a fazer de cada cidadão um soldado; realisando assim o ideal desde ha muito preconizado nos sistemas militares, qual é de converter o exercito em *nação armada*.

Bem merecem dos seus conterraneos as collectividades que por qualquer maneira auxiliam a educação da mocidade, quer illustrando-a por meio da fundação de escolas e museus, quer

instruindo-a a bem poder cumprir os deveres de cidadãos.

E' digno, pois, de tão o elogio o procedimento da camara de Bragança em patrocinar tão alevantada idea, assegurando d'este modo a continuacão das gloriosas tradições do povo que representa.

ALBINO LOPO.

O DIREITO DE CAÇAR

(Continuado do n.º 92)

CUMPRIDA a promessa feita ao sr. J. W. de não deixarmos sem resposta nenhum dos seus periodos, passaremos a tratar do communicado de s. ex.ª inserto no n.º 82 de «O Tiro Civil» mas d'esta vez ha de permittir-nos que o não sigãmos tão de perto como até agora temos feito.

E, se ainda não démos por finda a nossa tarefa, é só porque s. ex.ª o sr. dr. J. Ribeiro alludindo á nossa humilde personalidade no seu artigo de 15 d'outubro nos obriga a testemunhar-lhe uma profunda deferencia que o silencio poderia contradizer.

Embora em campo contrario não podemos deixar de prestar as devidas homenagens a um luctador que forte e bem armado não nos dispara desdens ou balófas lições mas nos encanta com primores de correcção e fluencia de pensamentos.

E, no entanto, só respigaremos dos artigos de s. ex.ª o indispensavel para respondermos ao periodo em que allude á nossa humilde pessoa, e a um novo aranzel do sr. J. W.; não significando o nosso silencio sobre muito do que lémos concordancia com o sr. dr. J. Ribeiro quando não é mais do que o mesmo sentimento de deferencia pelo distincto caçador e brilhante stylistista o sr. Baptista de Sá, a quem coube a missão de responder.

O sr. J. W., que em 17 de setembro concorda em deixar de cacar ás codornizes se a defeza fór geral e sem excepções para ninguem, cobra novos alentos com o artigo do sr. dr. J. Ribeiro e atira-se a nós perguntando-nos o que temos a dizer, e isto com um modo tão triumphante que nos pareceu que era chegada a nossa hora derradeira e que teriamos que largar de vez a pena e confessar francamente a nossa derrota. Mas o Deus dos *codornizeiros* é enganador, e, em quanto s. ex.ª esperava que lhe provassemos que a codorniz é ave indigena (dámos-lhe de conselho que espere sentado), e exalçava o auxilio que lhe era prestado, nós liamos o n.º 76 de «O Tiro Civil» e viamos que o sr. Baptista de Sá escrevera estas palavras que com a devida venia transcrevemos.

«Umas conservam-se aqui até que sintam nova necessidade de mudar de terra, outras, identificando-se com as condições vitales que lhes offerecemos fixam aqui a sua residencia, como faz grande parte da sua prole, se sobre ella não cae o raio da nossa perseguição.

E como se tudo se conspiresse contra V. Ex.ª, até o sr. dr. J. Ribeiro considera a codorniz *caça nossa*, de modo que será com a opinião, para V. Ex.ª, e mesmo para nós, auctorisadissima d'esses cavalleiros que responderemos ao primeiro periodo do seu artigo de 24 de setembro.

N'esse artigo descobrimos em V. Ex.ª uma qualidade que lhe não suppunhamos em tão elevado grau, a gratidão, mas parece-nos que V. Ex.ª a empregou mal

e que toda a que confessa pelo sr. dr. Ribeiro devia antes tributar ao sr. N.

Olhe que, em boa verdade, o sr. dr. J. Ribeiro é um amigo dos diabos com o tal seu meio termo e o modo porque tem encaminhado a questão.

Entre nós tem-se debatido a questão bem clara de sim ou não haver defeza para as codornizes, e por que a queremos, tem-se V. Ex.^a zangado conosco.

Ora, o sr. dr. Ribeiro, escreveu estas palavras que pedimos venia para fazer lembradas:

«Quero dizer, devemos respeitá-las emquanto se acasalam, durante a incubação, e depois até a prole de criar e desenvolver.

Presiste perante este periodo o completo accordo, entre v. ex.^a e o sr. dr. Ribeiro, como existia antes d'elle.

Se presiste, então, somos já tres quasi a abraçar-nos e a mais santa paz se afigura reinará em breve no nosso aprisco!

Mas olhe v. ex.^a que o accordo com o sr. dr. Ribeiro lhe custa a confissão de que o triste Martelleiro tem razão pedindo o defezo para a codorniz, e, d'uma só avançada, esse defezo vae até quasi ao limite (15 d'agosto) que quizeramos vêr fixado para toda a caça, pois é bem lá para o fim de julho que a codorniz se pôde julgar desenvolvida, pelo menos *ahi pelas aturas de Santarem*.

(Continúa.)

MARTELLEIRO.

A PERDIZ

(Continuado do numero antecedente)

COM raras excepções, a perdiz é *sedentaria*, tem amor ao local onde nasceu; é por isso que um bando perseguido pelo caçador volta a reunir-se no mesmo ponto logo que cesse a causa que o fez debandar. Foi esta tendencia natural da perdiz que deu coragem aos proprietários francezes e allemães para repovoar as suas propriedades; oxalá que os nossos lhe sigam o exemplo, que a lei os auxilie e que d'aqui a alguns annos Portugal possua propriedades bem providas de caça onde o direito de caçar se alugue.

Será uma vantagem para os caçadores, uma nova receita para os proprietários e aos industriaes abrir-se-ha então um horizonte novo e vasto.

As perdizes chamam-se para se reunir e os nossos caçadores furtivos sabem felizmente aproveitar este horror ao isolamento, incitando-as com o *reclame* e mandando-as á traição.

Para dormir, as perdizes escolhem terrenos descobertos ou as clareiras no meio dos montados ou dos pinhaes, preferindo abrigar-se junto de pequenos tufos de matto e de junco ou debaixo das abobadas do cascalho nos terrenos pedregosos. Ao nascer do sol o macho cacareja para despertar o bando e depois todas se põem em marcha em busca da refeição da manhã. Se é de verão, caminham a pés e quasi em linha pelos atalhos que cortam o matto, de inverno levantam vôo para desentorpecer as azas, cujos movimentos estão presos pela geada e pelo orvalho da noite e da manhã.

As perdizes alimentam-se principalmente de insectos, grãos e larvas, mas na sua falta e tambem um pouco por hygiene, não despresam as hervagens frescas e os rebentos tenros e delicados especialmente da alfaca e da chicorea. Os fructos e bagas de algumas plantas silvestres são da sua particular predilecção taes como a

amora e a baba do sabugneiro e da camarinha. Nos terrenos de vinhago, ou plantados de figueiras é quasi certo encontrar perdizes em procura de algum bago que escapou á vindima ou dos figos meio passados que o agricultor não aproveita.

A criação nova tem uma época no anno, época que coincide com o nascimento da cauda definitiva, em que é muito ávida da glande ou bolota.

Fizemos por diversas vezes criações de perdizes que eram completamente dizimadas quando chegava a época da muda e posteriormente conseguimos que nos escapassem algumas, dando-lhe na occasião em que a crise se começa a manifestar pela tristeza e pelo entorpecimento geral das facultades de resistencia da ave, uma porção de boleta migada e substituindo a agua ordinaria pela agua ferrea.

Seguindo este regimen a percentagem de mortos é relativamente pequena.

Os leitores que são amadores de caça, se desejarem fazer a criação da perdiz em captivo podem obter facilmente a agua ferrea, collocando na vasilha que contém a agua pregos ou pedaços de ferro bastante oxidados e para mais rapidamente melhorar as suas condições hygienicas, aquece-se um ferro ao rubro e mergulha-se na agua, fazendo esta operação com rapidez e repetidas vezes, a agua adquire as propriedades ferreas necessarias.

A perdiz conserva-se nas sementeiras ou nas searas até ás nove ou dez horas da manhã, depois procura os terrenos lavrados ou as areias para se espojar e descança á sombra das sebes ou dos vallados. Muitas vezes internam-se pelos pinhaes ou nos souts d'onde voltam pela tarde aos terrenos cultivados em busca de alimento. Se o tempo é bastante quente nunca se afastam muito das ribeiras.

E' de verão e pela hora do calor que o caçador pôde mais facilmente approximar-se da perdiz, porque logo que o cão tenha seguido a verdadeira pista vae sempre indicar o logar onde a caça esteve ou está a descançar.

No inverno como a perdiz anda mais em procura de alimentação os rastros são numerosos e cruzam-se em varios sentidos não sendo facil descobrir o ultimo rasto, além do que, a caça está sempre fresca e parte mais de longe. N'esta época do anno é de manhã, nos dias frios ou de nevoeiro, que se fazem as melhores caçadas á perdiz aproveitando as horas em que o frio não a deixa desenvolver toda a sua energia.

Quando a noite se approxima as perdizes reúnem-se novamente e vão abrigar-se no mesmo sitio onde passaram as noites anteriores ou escolhem outro local sempre muito proximo d'aquelle.

Tendo exposto o pouco que sabemos e que é na generalidade commum a todas as especies de perdiz, passemos agora a examinar de per si aquellas que mais nos pôdem e devem interessar.

1.º Perdiz cinzenta ou Charella. Starna Cineira. E' na Europa a perdiz mais abundante, mais fina e cuja carne é mais apreciada.

Infelizmente em Portugal é já rara esta especie de perdiz e extingui-se-ha por completo se uma lei prohibindo a caça da codorniz nas lezirias, varzeas e paues, não vier salvar as ultimas sobreviventes ou proteger as que proprietários ou associações desejem de novo acclimar.

Isto porque a perdiz cinzenta tem em parte os mesmos costumes e tem o mesmo *habitat* da codorniz. Mas o egoismo de alguns caçadores é superior ás suas proprias conveniencias; todos pensam no dia

de hoje e não se quer lembrar do futuro da arte cynegetica; a grande maioria vê com sentimento a caça desaparecer pouco a pouco, mas se se pensa em reprimir esse decrescimento, se se pretende melhorar e propagar á custa de um pequeno sacrificio de momento, se pedimos a immolação de meia duzia de caçadas, quasi sempre improductivas, esses mesmos caçadores que veem perto a mina do nosso sport favorito levantam-se n'um *desafinado* brado de protesto.

Como o brado não é unisono continuemos extensos defensores da propagação da caça.

(Continúa.)

H. OLAVRAC.

CARREIRA DE TIRO

No domingo 29 de novembro findo, dispararam-se 310 tiros com os seguintes resultados:

	Disp.	Acert.
Alvo a 100 ^m	30	17
» » 200 ^m	60	20
» » 300 ^m	190	94
» » 400 ^m	30	21
Total... 310		152

O alvo a 200^m, é de figura de joshas.

Associação dos Atradores Civis Portuguezes

Os socios d'esta Associação fizeram 160 tiros com o seguinte resultado:

Alvo a 100 ^m	10 disparados	4 acertados
» » 200 ^m	20 »	5 »
» » 300 ^m	110 »	51 »
» » 400 ^m	20 »	14 »
Total... 160		74

O sr. Luiz Correa Saraiva, d'esta Associação, empregou uma serie completa de 10 tiros a 400 metros.

Matricularam-se de novo na carreira os srs. José Valente, de 25 annos, natural de Lisboa, proprietario e Vasco Telles da Gama, de 17 annos, natural de Panoias, estudante.

AS CODORNIZES E O DEFESO

TANTO as nossas leis e regulamentos sobre caça, como recentemente, o ex.^{mo} sr. H. Olavrac, no seu *Projecto de lei*, e os seus commentadores criticos, confiam demasiado na fiscalisação exercida pelas autoridades administrativas, e seus subordinados, do nosso paiz. E' um erro.

Com o regimen politico e administrativo que temos, os governadores civis, os administradores de concelho, os regedores, e ainda os cabos de policia, a que miram, principalmente, com rarissimas excepções, é a arranjanem adhesões e votos para as eleições.

Ou por espirito partidario, ou pelo interesse pecuniario, ou por uns fumos de vaidade, o chefe administrativo do districto, o de concelho, e o de parochia, procuram estar bem com os superiores e com os subordinados, e se ás vezes, são constrangidos a ostensivamente darem instrucções, ordens, etc., que podem levantar schisma na sua egrejinha politica, particularmente, em *surdina*, desfazem o que fizeram.

Os governos, os influentes locais, os interessados na santa harmonia do convento, as relações pessoases, os laços de familia, as complacencias, não deixam completa liberdade d'acção a estas autoridades.

Se é um amigo que commette, a transgressão de defezo da caça, ou incorre em qualquer penalidade da lei ou regulamento venatorio, perdôa-se-lhe porque não vale a pena perder amigos por coisas *insignificantes*. Se é um inimigo, um adversario,

cober-a da mesma forma a bandeira da misericórdia, porque se conta logo com o reconhecimento do delinquente.

Depois os regedores, os cabos de policia, são proprietarios, que tem os seus bens rusticos ao sol e á chuva, como elles dizem, e fogem de dar motivo a que, por coisas, *que não valem um caracol*, lhes damnifiquem os seus bens com o fogo, com a fouce. Estes proprietarios ruaes o que querem, é que lhes matem as lebres, os coelhos, as perdizes, que lhes comem as hortas, os trigaes, os milharaes, e por isso encobrem os transgressores, os caçadores furtivos, os que não caçam com armadilhas, e os que envenenam as aves e os animaes.

Em setembro ultimo, o dono d'um mi-lharal sertanejo, que dois bandos de perdizes tomaram á sua conta, deu cabo d'ellas, envenenando-as. Pois não me foi possível encontrar uma testemunha sequer, para fazer castigar o malfeitor; *as perdizes fazem muito estrago nos milhos baixos*, diziam-me os visinhos...

Fui administrador no meu concelho durante alguns annos, e ali havia e ha infelizmente, ainda o costume criminoso de caçarem as lebres com ratoeiras, depois que ceifam as cearas. Fazem com a avicia pequenos molhos, a que chamam *malhuscas* já de noite, arrancam-as de madrugada, e armam as ratoeiras ao anoitecer.

Pois, apesar dos meus esforços como administrador, como caçador e proprietario, e das promessas, relativamente valiosas e tentadoras, que fiz, só conseguí obter contra dois, *por que dois inimigos d'elles quizeram saldar dividas antigas!*

Agora, os das ratoeiras, caçam tanto á vontade com ellas, em junho e julho; ás lebres, e, no resto do anno, aos coelhos, — mercê da nimia indulgencia do actual administrador do concelho, *que é caçador de perdizes e de coelhos*, — como eu caço em outubro, tendo na minha bolsa as licenças de arma e do cão. Coisas da tal politica de campanario, dos taes interesses epcuriarios, do temperamento, etc., e tal, que não vale a pena esmiuçar.

Pouquissima gente, mesmo nas nossas principaes cidades, toma a sério as leis, os regulamentos, e as posturas municipaes sobre caça, e os bons intuitos dos que se esforçam, por evitar esta derrocada venatoria; — para brincadeira de rapazes é o que dizem. Nas aldeias, enão, não ligam a minima importancia a tal assumpto.

Para comprovar esta tristissima verdade não posso furtar-me a contar o que succedeu commigo, sendo eu administrador do concelho d'Agueda.

A instancias minhas, condescendeu a camara municipal, do meu concelho, em incorporar n'uma pequena reforma do seu cod. de posturas municipaes, algumas alterações indispensaveis sobre caça e pesca.

Prohibiu-se a destruição dos ovos das perdizes, e dos perdigositos, das lebrachas, a das luras dos coelhos, etc, e impozeram-se penalidades. A camara approvou em sessão esta reforma, mas estava dependente da approvação do conselho de districto.

Era então seu dignissimo presidente, um advogado muito distincto, e muito conhecido do nosso paiz pelo seu saber, pelos seus escriptos juridicos e pelo seu talento, que me honrava com a sua amizade, e pedi-lhe para submeter á approvação do conselho as reformas indicadas.

Passado tempo, a camara recebeu a nova reforma approvada, *com excepção das disposições relativas aos ninhos das perdizes, laparos, etc.*

Surprehendê-me desagradavelmente a

excepção, e, encontrando o illustre advogado, fallei-lhe n'isso.

Pois aquelle lucido espirito, que conhecia perfeitamente os codigos estrangeiros, respondeu-me, *que aquillo eram puerilidades, que só podiam servir, para se perderem amigos, e criarem inimidades!*

Pensava assim aquelle notavel juriconsulto.

E' por tudo isto que eu apenas toco a correr, que não confio absolutamente nada nos serviços do tal pessoal, e que me admiro, que haja ainda gente tão ingenua, que espere auferir beneficios da sua fiscalisação. Todas estas entidades, a quem hoje está confiada a vigilancia das leis e regulamentos sobre caça, apenas devem ser *auxiliares* da Guarda Fiscal, e dos guardas campestres, quando os guardas fiscaes e campestres forem, de facto e de direito, investidos d'essa utilissima missão, e receberem instrucções intelligentes, sentatas e energicas a tal respeito.

Podem promulgar as leis mais perfectas, e os regulamentos mais completos sobre caça, que esta anarchia venatoria persistirá, sempre, em quanto a vigilancia da sua execução não passar a outras mãos mais independentes, mais fortes e mais diligentes.

Depois, já não deverá haver tanta reluctancia em consentir, que se cacem codornizes nos restólhos com o fragil pretexto de que, um ou outro caçador mais nervoso, pode matar uma lebre, um coelho ou uma perdiz.

(Continua.)

J. RIBEIRO.

UM PEDIDO

A redacção do *Tiro Civil* tem pelos seus estimaveis amigos e collaboradores o maximo respeito e a maxima consideração e sobejamente o tem provado não poucas vezes. Atrave-se por isso a dirigir-lhes um simples pedido que vae formulado nas seguintes palavras:

«*Matem as codornizes todas, e depois não lhes rezem por alma, sob pena de ficarem na gaveta do esquecimento as lamentações todas.*»

Porque, na verdade, a triste gallinacea, nem mesmo gordinha e bem passada ao espeto vale *tantos cartuchos* quantos aqui tem sido queimados pró e contra o defeso.

E, como somos amigos e sinceros, não nos obriguem a nós a *pontos finaes*, porque os nossos... ai pae! nem com benzina!

Antes de terminar o anno de 1896 ha ainda quatro números do *Tiro Civil*; liquidem tudo n'este praso, porque ao badalar o mez de janeiro de 1897, as codornizes para... nós morreram

SIMPLES E COMMODO

Escreve o *Tir National*:

O sr. Puel de Lobel, muito conhecido dos atiradores parisienses, acaba de descobrir, uma combinação muito engenhosa para o tiro com a espingarda Lobel, até 100 metros; consiste em empregar o cartucho do novo revólver da ordenança, modelo de 1892, calibre 8^{mm}.

Um envolvero de bronze, similhante aos empregados para o tiro reduzido com a espingarda Gras, enche a camara e contém o pequeno cartucho do revólver, que recebe o choque do percurtor nas condições normaes, sem nenhuma modificação. Sendo a bala de envolvero de cobre por-

ta-se muito bem no cano, visto estar estabelecido para o emprego de balas duras, sendo o calibre do revólver mais similhante ao da espingarda 1886.

«Fizeram-se ultimamente experiencias de tiro; a 100 metros todas as balas acertaram no numero 9 e 10 do alvo da *União* (visual de 40 centimetros), sem corrección lateral na pontaria, com uma espingarda regulada para carga de longo alcance.

«Dispararam-se 60 tiros sem limpar o cano e não se notou desvio algum resultante da accumulção de residuos.

«A experiencia continuou-se diminuindo a distancia para 80 e 70 metros, e o agrupamento foi ainda melhor; finalmente, a 20 metros, os resultados de precisão foram notaveis, todas as balas se gruparam no circulo d'uma moeda de 2 francos.

«Eis um tiro simples e commodo, muito pratico para a instrucção das creanças que receiam o recuo e a detonação da arma de guerra.

«Accrescentaremos que a pratica d'este tiro vae tornar-se facil com o emprego dos cartuchos do revólver modelo 1892 fabricados pelo Estado e cedidos ás Sociedades ao preço de 61 francos e 30 centimos o milheiro. (Despacho ministerial de 23 d'agosto de 1896).

«Com a carabina de cavallaria modelo 1890, que a *União* vae pedir para as Sociedades e para os atiradores, nas mesmas condições que a espingarda de infantaria modelo 1886 M 13, o novo systema de tiro está destinado a grande exito.

«Os involucros de bronze, systema P. L., cujo modelo acaba de ser registado, são construidos por P. Kühn, torneiro, em Lilas, proximo de Paris; custa cada um 2 francos.»

ASSOCIAÇÃO DOS ATIRADORES CIVIS PORTUGUEZES

REUNIU hontem em sessão ordinaria a direcção d'esta patriótica sociedade, sendo approvadas as propostas de admissão de varios socios.

Por proposta do 1.º secretario, o sr. Anselmo de Sousa, votou-se que se lançasse na acta um voto de louvor ás camaras municipaes de Chaves e Bragança por haverem resolvido destinar uma verba para premios nos concursos de tiro. Este voto será em officio communicado áquellas corporações que, na verdade, são dignas dos maiores elogios.

Resolveu-se que os socios tivessem entrada na sessão solemne de domingo 6, apresentando o seu diploma de socio, reservando-se os bilhetes especiaes apenas para os convidados.

Os socios da *Associação Protectora da Caça em Tempo Defeso*, terão entrada apresentando os seus recibos de quota.

Fallou-se tambem nas modificações a fazer na carreira do tiro reduzido nas salas da Associação mas ficou para a proxima quarta feira a discussão d'este assumpto. A carreira tem sido bastante concorrida e promete desenvolver-se.

A carabina que se escolheu é magnifica, muito justa, de carregamento facil e similhante ao da espingarda Kropatcheck.

Continúa aberta a matricula para as aulas de esgrima e gymnastica e lembramos a todos os socios que essa matricula deve encerrar-se no dia 10 do corrente.

Editor responsavel — Manuel Augusto Pinto

A LIBERAL — Officina typographica
Rua de S. Paulo, 216